

ABRAÇANDO A MUDANÇA DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS HETERONORMATIVAS E BINÁRIAS ATRAVÉS DA AUTOATUALIZAÇÃO

Cássia Cristiane Lopes de Almeida

*Mestra em Educação pela Universidade Federal de São Carlos -
campus Sorocaba, ka_kristiane@hotmail.com;*

Viviane Melo de Mendonça

*Professora Associada da Universidade Federal de São Carlos – campus
Sorocaba, viviane@ufscar.br*

Resumo

A pesquisa traz cenas e discursos de gênero e heteronormatividade e seus respectivos referenciais teóricos. A perspectiva metodológica é qualitativa e pautou-se nas memórias da professora-pesquisadora e também de entrevistas semiestruturadas realizadas com profissionais da educação infantil, tendo como objetivo compreender se/e quando o gênero e a heteronormatividade interferem na atuação de professoras, auxiliares de educação, gestoras/es e funcionárias/os na Educação Infantil. Observou-se que as professoras que abraçaram a mudança de suas práticas pedagógicas foram em busca de formação continuada, o que foi denominado por bell hooks (2017) de “autoatualização”. Conclui-se com a necessidade de fomento para formação continuada de docentes em gênero e sexualidade e de novas pesquisas que explorem estas questões de um ponto de vista interseccional na Educação Infantil.

Palavras-chave: Gênero, Heteronormatividade, Autoatualização, Educação Infantil.

Introdução

As pesquisas demonstram que boa parte dos cursos de formação docente ainda não oferta disciplinas obrigatórias nas graduações sobre relações de gênero, sexualidade ou educação sexual. Em alguns casos, estes assuntos são debatidos apenas nas pós-graduações ou em formato de disciplinas optativas. Professoras e professoras que atuam na educação básica devem buscar extracurricularmente cursos que envolvam as questões de gênero, dependendo dos esforços isolados dos/as docentes, ao invés de ser uma política de educação (FINCO et al., 2015).

O objetivo da pesquisa¹ era compreender se/e quando o gênero e a heteronormatividade interferem na atuação de professoras, auxiliares de educação, gestoras/es e funcionárias/os na Educação Infantil do Município de Sorocaba – SP.

Utilizou-se como metodologia a pesquisa qualitativa. Eu trouxe memórias da minha experiência de professora de Educação Infantil que denominamos de memória da professora-pesquisadora. Além dessas memórias entrevistei cinco professoras de Educação Infantil. As perguntas foram semiestruturadas e o objetivo era saber o que elas concebiam por gênero e heteronormatividade e se isso interferia ou não em suas práticas pedagógicas.

Observa-se que boa parte dos cursos de pedagogia ou licenciaturas não oferecem disciplinas obrigatórias sobre gênero e sexualidade. Apenas aparecem em cursos de especializações/pós-graduações, de acordo com Daniela Finco (2015).

Os estereótipos de gênero e heteronormatividade são naturalizados na nossa sociedade, o que interfere diretamente na educação dos infantes. Educadores/as, professoras/es e demais funcionários que atuam na Educação Infantil reproduzem essas “normas”, muitas vezes inconscientemente.

Constatou-se com essa pesquisa que as professoras que abraçaram a autoatualização, indo em busca de pós-graduações, formações continuadas, congressos, seminários etc. modificaram suas perspectivas

1 Esse artigo é o quinto capítulo da minha dissertação de mestrado, intitulada: *Cenas e Discursos Heteronormativos e de Gênero na Educação Infantil*. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/13773>

pedagógicas. Já as professoras que desconhecem a temática, reproduzem os estereótipos de gênero e heteronormatividade.

Não podemos considerar uma prática docente para a liberdade desconhecendo as opressões de gênero, raça/etnia, classe social. Educar para as diferenças é um processo político urgente!

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa. A pesquisa qualitativa é hermenêutica, (ALVES, 1991) ou seja, tem por objetivo a interpretação dos sentidos das suas palavras, do seu valor simbólico. Para Alda Alves (1991, p. 54), é “uma abordagem que parte do pressuposto que as pessoas agem em função de suas crenças, percepções, sentimentos e valores”.

Na pesquisa qualitativa:

Os fenômenos só podem ser compreendidos dentro de uma perspectiva histórica, que leve em consideração os componentes de uma dada situação em suas interações e influências recíprocas, o que se exclui a possibilidade de se identificar relações lineares de causa e efeito e de se fazer generalizações de tipo estatístico (ALVES, 1991, p. 55).

As pesquisas qualitativas são melhores se situadas num “continuum” e tendo muita “variedade interna” (ALVES, 1991, p.55). Por se tratar de uma pesquisa social e por saber que vivenciam o presente, apesar de serem marcadas pelo passado, destaco a provisoriedade da pesquisa social.

Trago memórias de cenas e discursos de gênero cotidianas, colhidas ao longo da minha experiência enquanto professora de Educação Infantil. Estas memórias foram anotadas em um caderno de campo e denominadas “Memórias de uma Professora-pesquisadora”. São memórias de cenas e discursos que visam controlar os corpos das crianças de acordo com os valores sociais e culturais das representações de gênero e da heteronormatividade. Afirmando que presenciei todas as cenas e discursos, os quais, algumas vezes, apenas observei, mas, em outras tantas, também intervi.

Ademais, entrevistei cinco professoras de Educação Infantil, que lecionam em creches municipais do interior de São Paulo. A entrevista foi semiestruturada e partiu das seguintes indagações: educadoras

separam filas de meninos e meninas? Ao levarem os infantes ao banheiro, deixam as crianças utilizarem o masculino e o feminino ou as separam por gênero? Os brinquedos são distribuídos à vontade ou há seleção de brinquedos para meninos e brinquedos para meninas? Há divisão de atividades por gênero? Há discursos heteronormativos? Ressalto que “as entrevistas qualitativas são geralmente muito pouco estruturadas, assemelhando-se mais a uma conversa do que a uma entrevista formal” (ALVES, 1991, p. 60).

Abraçando a mudança através da autoatualização

As pesquisas demonstram que boa parte dos cursos de formação docente ainda não ofertam disciplinas obrigatórias nas graduações sobre relações de gênero, sexualidade ou educação sexual. Em alguns casos, estes assuntos são debatidos apenas nas pós-graduações ou em formato de disciplinas optativas. Professoras e professoras que atuam na educação básica devem buscar extracurricularmente cursos que envolvam as questões de gênero, dependendo dos esforços isolados dos/as docentes, ao invés de ser uma política de educação (FINCO et al., 2015).

Compreende-se que a infância no Brasil contemporâneo é regada de normas, saberes e verdades que concebem os discursos sobre o que é ser criança “[...] historicamente herdados da Europa e que povoaram/povoam os cursos de pedagogia e colonizaram nossos pensamentos e percepções de cultura e sociedade, prescrevendo as formas de governabilidade e educação das crianças brasileiras” (FARIA et al., 2013 p. 146).

Este sistema interfere na construção de culturas infantis, principalmente quando naturalizam essas concepções/estereótipos de gênero.

O objetivo ao questionar esse sistema é desconstruir a percepção de “normalidade” do binarismo de gênero presente na educação infantil, através de uma pedagogia engajada, conceito prescrito por bell hooks² (2017). Para a autora, é possível dar aula sem reforçar

2 4 Gloria Jean Watkins (Hopkinsville, 25 de setembro de 1952), mais conhecida pelo pseudônimo bell hooks (escrito em minúsculas), é uma autora, teórica feminista, artista e ativista social estadunidense. O nome “bell hooks” foi inspirado na sua bisavó materna, Bell Blair Hooks.

os sistemas de dominação existentes, levando em consideração a expressão da/o aluna/o.

A pedagogia engajada necessariamente valoriza a expressão do aluno. [...] Quando a educação é a prática da liberdade, os alunos não são os únicos chamados a partilhar, a confessar. A pedagogia engajada não busca simplesmente fortalecer e capacitar os alunos. Toda sala de aula em que for aplicado um modelo holístico de aprendizado será também um local de crescimento do professor, que será fortalecido e capacitado por esse processo (hooks, bell, 2017 p. 34-35).

Para bell hooks (2017), as/os alunas/os têm liberdade de escolha, uma educação que cure seu espírito, querem conhecimento significativo. Para que isso ocorra, as professoras/es precisam abraçar o desafio de autoatualização. De acordo com ela, as/os professoras/es que abraçam esse desafio da autoatualização são mais capazes de criarem práticas pedagógicas que envolvem alunos e alunas, proporcionando assim, maneiras de saber que aumentam suas capacidades de viverem “profunda e plenamente” (p.36) e isso incluir as livres expressões de gênero e sexualidade.

Resultados e discussão

A proposta da pesquisa é trabalhar de tal forma, que o sistema de dominação não seja cotidianamente reforçado, dando às crianças liberdade de escolha.

Os professores progressistas que trabalham para transformar o currículo de tal modo que ele não reforce os sistemas de dominação nem reflita mais nenhuma parcialidade são, em geral os indivíduos mais dispostos a correr os riscos acarretados pela pedagogia engajada e a fazer de sua prática de ensino um foco de resistência (bell hooks, 2017, p. 36).

Constata-se com essa pesquisa que as professoras que abraçaram a autoatualização, indo em busca de pós-graduações, formações continuadas, congressos, seminários etc., modificaram suas perspectivas pedagógicas.

A professora Rosa (entrevistada em 08/2020) contextualizou sua prática pedagógica e sua evolução profissional, que aconteceram gradualmente de acordo com sua transformação pessoal, a partir de questões sociais e humanitárias. Ela compreende que na Educação Infantil se inicia o processo de desigualdade entre os gêneros, enfatizando tanto as desigualdades de direitos, como o combate ao preconceito de raça/etnia. Entretanto, no início da sua carreira, nos anos 1980, ela tinha uma prática pedagógica que seguia rigorosamente os estereótipos de gênero e separava tanto as filas como as atividades por gênero. Foi a partir dos temas transversais que ela começou a problematizar essas questões e se iniciou o seu processo de desconstrução.

Foi através de seus valores pessoais que ela começou a ter práticas pedagógicas mais progressistas, levando essas questões de gênero e raça para as rodas de conversas, nas brincadeiras e jogos. Ela salienta que a questão de gênero ainda é um tabu na sociedade.

Hoje em dia, ela troca experiência sobre pedagogias progressistas com sua filha, que também é pedagoga. Foi a partir das conversas e leituras que Rosa começou a modificar sua prática pedagógica, que até então era binária, pois isso era e ainda é passado de professora para professora. Ela parou de separar fila de meninos e meninas, parou de confeccionar presentes e lembrancinhas em datas comemorativas, como dia dos pais, mães. Quando havia banheiro de menino ocupado e ela estava com um aluno, o levava no banheiro feminino sem separação de gênero e afirmava para o menino que era a mesma coisa, apenas banheiros. Ela relata que às vezes a criança demonstrava alguma resistência em transgredir estes estereótipos de gênero, mas ela conseguia contornar a situação.

Na entrevista da professora Dália (08/2020) ela também relata que estuda as questões de gênero há tempos, evidenciando que a desconstrução dos estereótipos de gênero também é pessoal e que não trabalha isso apenas na escola e sim em suas atitudes cotidianas. Confessa que às vezes acaba caindo nas armadilhas binárias, pois compreende que, assim como tantas/os outras/os, foi educada assim e acaba reproduzindo. Isso leva tempo e dedicação para se desconstruir.

No centro de educação infantil que Dália leciona, ela relata que nunca teve filas divididas por gênero, que as crianças possuem liberdade de escolha e brincam do que querem, como meninos de bonecas e casinhas, por exemplo. Neste centro de educação infantil,

elas trabalham com um sistema de assembleia e deliberam tudo com as crianças, ou seja, não há hierarquização dos saberes, mas liberdade de escolhas.

A professora Jasmim (entrevistada em 08/2020) fez um curso sobre gênero na rede municipal de Sorocaba, que foi oferecido por um supervisor de educação com mestrado em Educação e que trabalhou em sua dissertação com as questões de gênero. Em sua pós-graduação em Educação Infantil que Jasmim realizou, ela teve contato com o livro da autora Fernanda Roveri, o que a fez refletir também acerca destas concepções binárias de gênero. Ela viu tanto a questão da Barbie como um padrão de beleza, quanto a questão da docilidade nas meninas e agressividade nos meninos e o quanto os brinquedos influenciam nesse processo. Essas questões a levaram a repensar a infância, onde as meninas podiam brincar somente com bonecas e os meninos com vídeo game.

Hoje em dia, em sala de aula a professora dialoga com as crianças em rodas de conversa acerca das questões de gênero, além de utilizar a literatura e os brinquedos como meio de quebra de estereótipos de gênero. A sua turma tem liberdade de escolha e os meninos podem brincar de casinha, as meninas de bola etc. Ela também afirma que às vezes pede para as crianças escolherem os mesmos brinquedos que servirá para ambos gêneros.

Já a professora Hortência fica insegura ao falar de gênero. Para ela, gênero é o sexo biológico feminino ou masculino e/ou macho e fêmea. Porém, ela compreende que não se deve separar meninos e meninas por gênero, talvez sem saber exatamente o porquê. Ela compreende também que os estudos de gênero visam combater a homofobia, entre outros, mas acha que isso não é necessário ser trabalhado na Educação Infantil.

Nota-se que ela não compreende o binarismo de gênero e os malefícios que causam desde a pequena infância. Ela até cita que não saberia como conversar sobre preconceito com as crianças, que teria que estudar. Hortência também confunde com sexualidade e confessa não saber como trabalhar a temática na Educação Infantil.

Sendo assim, compreende-se que a mudança de concepção pedagógica se constrói a partir da autoatualização. Nem todas as professoras entrevistadas participaram do curso sobre gênero oferecido pelo supervisor de educação, mas todas que foram em busca de atualização através de seminários, congressos, leituras, rodas de conversas,

troca de experiências etc. estão se desconstruindo e reconstruindo suas práticas pedagógicas.

Sabe-se que é de extrema importância ouvir as crianças para recriar as questões de gênero. Até as imagens que estão nas instituições de Educação Infantil estão educando as crianças, como os desenhos de meninas e meninos na porta dos banheiros, que remetem ao feminino e masculino. As crianças estão lendo estas imagens e criando suas próprias culturas binárias. É preciso olhar para as cores também, pois estas fazem parte da nossa vida e das produções humanas. É urgente desconstruir as dualidades rosas e azuis = feminino, masculino. Essas dualidades constroem desigualdades e é preciso combater também esse conservadorismo que diz a cor que é designada para cada sexo biológico.

Lins, Beatriz *et al.* (2016) frisam que combater as hierarquias de gênero não significa apagar as diferenças, pois isso não anula as diferenças entre elas, mas garantem que se não foram combatidas, continuarão estabelecendo relações de poder, violências e injustiças.

Considerações finais

Conclui-se que não é possível considerar uma prática docente para a liberdade desconhecendo as opressões de gênero, raça/etnia, classe social. Educar para as diferenças é um processo político urgente. Ensinar as crianças que todos são diferentes, mas que não é a diferença que exclui se torna necessário, assim como ensinar o respeito à diversidade desde a pequena infância. Ao não refletir sobre essas questões, não será possível romper com essas opressões.

Referências

ALVES, Alda J. O planejamento de pesquisas qualitativas em educação. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo v. 77, p. 53-61, 1991.

FARIA, Ana Lúcia Goulart; BARREIRO, Alex; MACEDO, Elina Elias de; SANTIAGO, Flávio; SANTOS, Solange Estanislau dos. Dossiê por uma infância descolonizada. **Leitura: Teoria & Prática**, Campinas, v. 31, n. 61, p.145-151, nov. 2013.

FINCO, Daniela. GOBBI, Márcia Aparecida, GOULART, Ana Lúcia de Faria. (org.). **Creche e feminismo**: desafios atuais para uma educação descolonizadora. Campinas, SP: Edições Leitura Crítica; Associação de Leitura do Brasil – ALB; São Paulo: Fundação Carlos Chagas – FCC, 2015.

HOOKS, Bell. **Ensinando a Transgredir**: a educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla, 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

LINS, Beatriz Acicioly; MACHADO, Bernardo Fonseca; ESCOURA, Michele. **Diferentes, não desiguais**: a questão de gênero na escola. , 1 ed. São Paulo: Editora Reviravolta, 2016.